

Cultura & Recreio

Publicação do Associativismo Feirense

Director: António Pinto

Edição nº 8 | Novembro 2011 | Distribuição gratuita



Associativismo em tempos de crise **pág. 02**

As Dificuldades e as Oportunidades **pág. 04**

Envolvimento Associativo **pág. 05**

100 anos Orfeão Feirense **pág. 08**



O movimento associativo voltou a demonstrar toda a sua entrega e capacidade na Viagem Medieval em Terras de Santa Maria'11. Da animação âncora, todos os espectáculos foram assegurados na íntegra pelas associações. Desde a circulante até às áreas temáticas (a Aldeia Medieval foi um grande exemplo) os cortejos, passando pela área das tabernas, (com muitas a terem animação permanente), brilharam e mostraram toda a sua capacidade e dinâmica e envolvimento.

Santa Maria da Feira, tem hoje o que porventura é o maior projecto de recreação histórica da Europa. Não somos nós a dizê-lo, são os grupos de diferentes países que nos visitam e que percorrem o mundo neste tipo de actividades. Este evento que tanto afirma o nosso território e lhe dá dimensão, é fruto do acreditar de um conjunto de dirigentes e activistas associativos que há 16 anos acreditaram que estavam a lançar as bases de um grande projecto cultural para o nosso concelho e ao longo dos tempos o têm defendido e valorizado.

Hoje é com orgulho que podemos dizer que o evento ultrapassa as nossas fronteiras, estende-se pelo País e tem dimensão internacional. Este acreditar, a entrega total ao longo destes anos de tanta gente, o empenho das associações, muitas delas participam desde o início, o percurso feito por várias, hoje com capacidade de intervir em diferentes áreas, o empenho da Câmara Municipal/Empresa Municipal Feira Viva e da população, fazem deste projecto um grande acontecimento cultural.

A estratégia definida pela Federação das Colectividades de estabelecer uma parceria com a Autarquia, para dar mais dimensão à iniciativa, a aposta na formação dos nossos grupos locais, como base para alavancar a sustentabilidade do projecto nas nossas organizações e envolvimento da população, são o segredo para os resultados que são visíveis para todos e um palco enorme para o tecido associativo.

Joaquim Tavares

Presidente Direcção da Federação das Colectividades

Associativismo em tempos de crise



Todos os dias ouvimos falar da "crise". Através dos media recebemos informação (e contra-informação) sobre o que será a nossa vida para além da crise. Nesses tortuosos momentos percebemos que, afinal, esta coisa da "crise" também nos afeta. E de que maneira! É naqueles momentos que percebemos que a atual conjuntura financeira traz transformações radicais para as nossas vidas.

A partir de agora, e porque os recursos financeiros escasseiam, temos que parar, refletir e agir no sentido de mudança do nosso paradigma de consumo. Sem dinheiro para gastar, temos que ser criativos e ponderados, tanto na gestão da nossa vida particular, como na gestão das nossas associações.

Por esta altura, é minha convicção, de que a maioria dos dirigentes associativos já terá plena consciência da situação financeira do País e terão planeado as suas atividades dentro de uma orçamentação de razoabilidade, por forma a não hipotecar as atividades normalmente desenvolvidas pelas suas associações.

É certo e sabido que os próximos anos não serão fáceis! Os apoios financeiros, sejam eles públicos ou privados, vão ser muito mais contidos e, possivelmente, no caso dos públicos poderão mesmo deixar de existir. Isto porque a crise financeira obriga a redondos cortes na despesa pública e, por essa via, quer o governo central, quer as autarquias, irão (re)pensar as suas estratégias de financiamento e apoio aos agentes culturais e associativos.

Um momento como estes leva-nos a pensar, de forma planeada e realista, sobre os projetos que pretendemos para as nossas associações. Sobre a pertinência social e cultural desses mesmos projetos e, acima de tudo, o seu grau de envolvimento e mais-valia para a comunidade e território onde a nossa associação está inserida.

Uma reflexão atenta sobre o modus operandi da nossa associação vai inferir-nos uma outra realidade, imposta pela crise da escassez de recursos financeiros das famílias. Na verdade, como o consumo das famílias, durante os próximos anos, estará mais retraído, as despesas com atividades de lazer e cultura serão, certamente, mais condicionadas.

Tenho para mim que tal fator irá trazer mais gente para as associações. Serão pessoas voluntárias, que buscam nos agentes culturais e associativos, atividades de lazer e cultura que possam, de certa forma, satisfazer algumas das suas necessidades mais básicas a estes níveis. Serão, portanto: os pais que buscam actividades de teatro, música e outras, para inscreverem os seus filhos, como complemento da sua formação educacional; a geração mais adulta à procura de algum tipo de atividade que lhes proporcione o acesso aos bens culturais; e, obviamente, o público sénior, na procura de atividades de lazer para os seus tempos de ócio.

Será curioso perceber que, nos próximos anos, o associativismo será colocado sobre um novo desafio: o de criar mecanismos para vencer a crise. Não será fácil encontrar estratégias para superar esse desafio! Pois, se, por um lado, a conjuntura financeira vai implicar uma certa redução orçamental. Por outro lado, de forma inversamente oposta, o movimento associativo poderá assistir a um aumento exponencial dos seus voluntários e utilizadores.

Perante tal desafio há então pensar novas estratégias para as dinâmicas associativas. E que novas estratégias poderão ser essas? A resposta a esta questão está no seio do próprio movimento associativo e, sobretudo, na sua capacidade de união para fazer face à adversidade dos problemas.

Em qualquer vila ou freguesia do município de Santa Maria da Feira, as associações terão problemas semelhantes para resolver. Nesta perspectiva, o trabalho em conjunto, ou em rede será, de sobremaneira importante para uma acertada contenção de recursos financeiros. Em contextos de crises financeiras, o funcionamento em rede, torna-se vital para que o trabalho associativo possa ser realizado a custos mais baixos, devidamente contidos e regrados.

As redes implicam a partilha de recursos. Pelo que uma associação poderá disponibilizar e partilhar recursos, materiais, logísticos ou outros, com outra associação que não disponham daqueles recursos, mas que, por sua vez, disponha de outros em falta na referida associação. Esta troca e partilha de recursos poderá ser importante, para que a dinâmica associativa tenha uma continuidade absoluta em prol da atividade cultural do município e da sua população.

Para constituir uma rede basta a vontade de meia dúzia de associações, em unirem-se, fazerem um levantamento dos recursos que dispõem, estabelecerem as condições de partilha e manterem bons níveis de comunicação e relação entre todos os agentes associativos integrados na rede. A prossecução de uma estrutura deste tipo, no caso de Santa Maria da Feira, poderá ser uma tarefa da própria Federação das Colectividades, que enquanto instituição de regulação poderá mediar o seu funcionamento junto dos agentes associativos interessados.

Uma outra situação que poderá trazer algum benefício para os agentes associativos locais será, como já referi, o aumento da procura destes projetos por parte das crianças, jovens e adultos, que ali buscam actividades culturais e de lazer. Esse aumento exponencial, poderá traduzir-se na implementação de um verdadeiro sistema de voluntariado. As pessoas buscam nas associações a cultura e lazer, em troca poderão dar as associações o seu tempo e empenho em prol de actividades de base associativa. Bastará para o efeito que os agentes associativos tenham um projeto devidamente estruturado capaz de receber estas novas sinergias.

Será importante as associações terem capacidade de atrair e manterem os seus voluntários, quer sejam crianças, jovens ou adultos. Dando-lhes, desta forma, a possibilidade de se realizarem, fazendo aquilo que mais gostam, contribuindo para o engrandecimento do capital cultural e associativo da instituição a que pertencem.

Os próximos tempos não serão nada fáceis! Mas estou em crer que as associações serão capazes de contornar as adversidades e, seja através das redes, do voluntariado, ou de outras ideias, estarão à altura para vencer a crise. A prova do seu trabalho é uma evidência nesse sentido.

Pedro Nuno Santos

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Gabinete de Associativismo



O movimento associativo concelhio vive um momento que será determinante para o seu futuro: a braços com restrições orçamentais como não experimentavam há muitos anos, a criatividade e capacidade inventiva dos seus dirigentes estão a ser postas à prova diariamente, tal como o vêm sendo a sua determinação e espírito de serviço.

Ao longo dos últimos anos cresceram as situações de incumprimento, por parte dos poderes públicos, dos compromissos assumidos no que respeita ao pagamento dos apoios financeiros prometidos ao associativismo – e inscritos nos respectivos orçamentos –, sendo cada vez maior o número de colectividades que se vêem na contingência de cancelar algumas das actividades programadas.

Por outro lado, e também em consequência das dificuldades financeiras de todos conhecidas, cada vez mais as entidades promotoras de eventos se voltam para as associações em busca de programas e espectáculos que, garantindo a necessária qualidade, tenham custos significativamente inferiores aos que habitualmente são pagos às companhias profissionais. Sempre assim foi, mas os tempos correntes obrigarão a que o seja ainda mais. Estamos, portanto, num momento de dificuldades e oportunidades, tais e tantos são os desafios que se nos colocam. Mas há indefinições que devem ser resolvidas de imediato, sob pena de não termos a percepção exacta dos sintomas e das suas causas e, por isso, não procurarmos um remédio eficaz para combater a doença.

O concelho de Santa Maria da Feira tem um grande número de colectividades, nomeadamente na área da cultura e recreio, mas nem por isso existe uma oferta suficientemente diversificada de actividades que captem novos praticantes e cativem novos públicos. Há áreas em que a oferta é excessiva, como é o caso do folclore e das danças e cantares regionais; há áreas em que a oferta é menos que suficiente, como é o caso do teatro; há áreas em que a oferta é deficitária, como é o caso do teatro e animação de rua, das recriações históricas, das artes circenses; e há áreas em que não existe ou quase não existe oferta, como é o caso do ambiente, da preservação do património, da intervenção cívica e tantos outros.

Por outro lado, o movimento associativo necessita de saber se os poderes públicos estão, de uma vez por todas, interessados em investir na cultura e se o vão fazer. Basta de declarações de intenções, basta de palmadinhas nas costas: o movimento associativo precisa de saber com que linhas se cose e com que aliados pode contar e se não puder contar com os poderes públicos também não morre.

Há, por conseguinte, dois aspectos que serão determinantes no futuro próximo do movimento associativo concelhio: a capacidade dos seus dirigentes e as decisões e prática políticas para a cultura. E se não podemos intervir directamente sobre o segundo ainda nos fica muita margem de manobra em relação ao primeiro.

Não menosprezando a história e a função social de cada associação, é importante que cada dirigente perceba que a sua colectividade não pode viver voltada para si própria e fechada ao mundo e à realidade que a rodeiam. A sociedade actual não é a mesma de há cinquenta ou trinta anos atrás. E isso não quer dizer nem que é melhor nem que é pior, quer dizer que é diferente. São diferentes os problemas, diferentes terão que ser as soluções. E se, há cinquenta anos atrás, para promover o convívio e o desenvolvimento de uma determinada comunidade a solução era ter um local onde as pessoas se encontrassem e se dedicassem a uma qualquer actividade, hoje é necessário que esse local e as actividades nele desenvolvidas sejam pelo menos tão atraentes como as que são oferecidas por outras entidades, públicas e privadas. Essa é uma forma eficaz de voltar a ter as sedes sociais cheias de participantes e de desenvolver actividades que poderão reverter financeiramente a favor da colectividade.

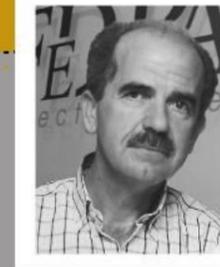
Há já hoje, no concelho de Santa Maria da Feira, associações que decidiram enveredar por esse caminho, mobilizando muita gente, nomeadamente das faixas etárias mais novas. Há já hoje, no concelho de Santa Maria da Feira, associações que, por essa via, acolhem nas suas actividades dezenas de jovens e adultos residentes noutras localidades e não perderam a sua identidade por isso. Há já hoje, no concelho de Santa Maria da Feira, associações que são convidadas para fazer parcerias com outras entidades em projectos de animação de rua e de recriação histórica e até em projectos de formação, vendo assim reconhecido todo o investimento feito na qualificação dos seus associados.

E, com o mesmo espírito de partilha e voluntariado autêntico, fazem crescer os seus associados como seres humanos e intervêm drasticamente no desenvolvimento das suas comunidades.

Nota: Este texto não respeita o acordo ortográfico actualmente em vigor.

Victor Sismeiro

Vice-Presidente da Federação das Colectividades



O associativismo cultural do concelho tem vindo a assumir, de ano para ano, um maior envolvimento da Viagem Medieval.

Desde a animação circulante, áreas temáticas, áreas alimentares, animação âncora, passando pelo voluntariado, até ao mais alto nível de decisão que é a Comissão Executiva, o papel das colectividades – dos colaboradores e dirigentes – teve uma importância fundamental nos sucessos consecutivos da Viagem Medieval ao longo dos anos.

Os preparativos da Viagem Medieval começam inevitavelmente no mês de Setembro com a avaliação da “viagem” anterior. É nessa reflexão que se identificam os diferentes aspectos, positivos e negativos, que se corrigem os erros e se perspectivam pistas de inovação para melhorias futuras, nos diferentes níveis.

Depois de definido o enquadramento histórico, o representante da Federação na Direcção Artística, investe várias centenas de horas, nos meses que se seguem, na pesquisa de informação, na leitura de conteúdos e nas diversas reuniões onde se analisam os projectos com os técnicos e responsáveis pela encenação e pela gestão dos recursos. Esta carga horária, investida na preparação dos textos e acompanhamento dos ensaios, triplica nos meses que antecedem a Viagem Medieval.

Para a preparação da Viagem Medieval 2011, na direcção de actores e na coordenação do envolvimento associativo, estiveram empenhados dois directores e dois colaboradores da Federação, que acompanharam o trabalho desenvolvido pelos directores, encenadores e actores dos diversos grupos do concelho de Santa Maria da Feira. Nestes preparativos, só para a animação âncora, estima-se um envolvimento de cerca de três centenas de pessoas ao longo de vários meses.

Na animação âncora estiveram envolvidas 15 associações e 3 grupos informais com um número de participantes a rondar as 1.000 pessoas, entre actores e figurantes:

Associação Cultural e Desportiva da Lavandeira S. João Ver; Associação Pelo Prazer de Viver, Saúde, Cultura e Vida; Centro Cultural e Recreativo “Os Malmequeres de Lourosa”; Centro de Cultura e Recreio do Orfeão da Feira; CÍRAC de Paços de Brandão; Fórum Ambiente e Cidadania; GRIC

– Lourocoop; Grupo Cultural e Recreativo “Saias Amarelas”; Grupo Dinamização Cultural de Mozelos; Grupo Danças e Cantares Regionais da Feira; Grupo Cultural e Recreativo “Andorinhas de Espargo”; Juventude de Sanguedo; Rancho Folclórico “As Florinhas das Caldas de São Jorge”; Rancho Folclórico “As Florinhas de Riomeão”; Rancho Folclórico de S. Tiago de Lobão; Grupo de Cavaleiros “Os bons amigos”; Praça da Vila; Milícias de Santa Maria.

Os espectáculos da animação âncora revelaram actores cuja elevadíssima qualidade foi reconhecida por diversos comentadores em registos escritos durante e depois do evento.

Os Momentos altos da Viagem Medieval em Terras de Santa Maria foram os espectáculos e os cortejos:

“Duro contra duro não levanta muro”; Cortejo “Miles Sancti Petri”; “A Lenda do Bispo Negro”; “O seu a seu dono”; “Quem com ferros fere, com ferros será ferido”; Cortejo “Manifestis Probatum Est”.

Na animação circulante estiveram envolvidas algumas centenas de pessoas, de grupos de animação de rua - bombos e artes circenses, grupos de cavaleiros e grupos de teatro.

A aldeia medieval surgiu como uma área temática inovadora e com grande potencial de futuro. Este projecto reuniu algumas dezenas de elementos das associações, estudantes, artesãos e tratadores de animais.

Desde a execução de trabalhos de construção até às actividades rurais, passando pela presença e tratamento dos animais e à confecção dos alimentos, proporcionaram momentos de recreação da vivência nas aldeias na idade média. As actividades religiosas, assim como os momentos de festa, proporcionaram interessantes momentos de animação, que foram muito apreciados pelos visitantes.

A área alimentar, no que diz respeito às tabernas, foi assegurada pelas associações que envolveram cerca de 500 participantes.

António Pinto

Vice-Presidente da Federação das Colectividades

“Como é que estás a viver esta edição? Como gostavas de ver a Viagem Medieval no próximo ano?” Com estas duas perguntas, durante o decorrer do evento, fomos sondar a motivação de diversos participantes na edição 2011 nas suas diferentes áreas de participação. Abordamos cerca de meia centena de pessoas: da organização, do voluntariado, dos colaboradores das tabernas, do pessoal da animação, etc.

As respostas à primeira questão foram espontâneas e com a abrangência de todas as opções possíveis: “Muito bem... Estou a gostar... Com muito interesse... De forma intensa... De corpo e alma... Super fixe... Com muita pressão... Com muito cansaço... Pouco motivado... Com pessimismo...” Alguns justificaram as suas razões na melhor ou pior organização, na maior ou menor afluência do público, ou em questões circunstanciais como o pó, qualidade dos fornecimentos ou avarias mecânicas.

Quanto às sugestões para o próximo ano, elas seguiram o mesmo rumo, também condicionadas pelo maior ou menor entusiasmo ou pelos interesses específicos de cada um: “Melhor coordenação... Melhores condições físicas... Melhor capacidade de liderança... Mais informação... Melhor encaminhamento das pessoas... Melhor acolhimento... Mais animação... Melhores infra-estruturas para as tabernas... Mais regalias para os voluntários... Mais vida no Castelo... Mais formação... Mais rigor histórico...”

Pelas respostas rapidamente distinguimos três grupos específicos com grande responsabilidade no sucesso do evento:

· Os Voluntários – que manifestaram um grande entusiasmo, apesar do cansaço visível, com sugestões de carácter mais reivindicativo como “melhor reconhecimento, melhor remuneração, prémios por objectivos, estacionamento e entradas nos espectáculos grátis ...”;

· O pessoal das tabernas – que manifestaram estar a trabalhar de forma plena e intensa para o sucesso desta Viagem Medieval e apontaram algumas sugestões de coordenação e liderança, reclamaram “melhores condições de trabalho, mais sombra, mais mesas...” com muitas críticas à localização das áreas alimentares e à má qualidade de estruturas e instalações sanitárias;

· Os participantes na animação – que manifestaram um grande interesse e empenho nos projectos, revelaram grande satisfação e prazer na sua participação, confessaram “algum desgaste e cansaço devido ao elevado grau de exigência de alguns projectos...” mas apresentaram sugestões muito concretas como “a preparação mais atempada das áreas temáticas... a antecipação dos conteúdos e dos textos dos espectáculos...” Apontaram ainda pistas muito interessantes para a valorização do evento: “maior exigência na cenografia, melhor qualidade e quantidade de ferramentas e adereços, melhor coordenação na animação circulante... dotar a Viagem de uma componente mais pedagógica... criar mais espectacularidade e menos vaidade (cortejos com demasiada exposição de trajes nobres e com pouca animação e pouco povo) ... e “um maior esforço para reduzir o impacto século XXI no interior do evento...”

Um claro elemento diferenciador resultou da proveniência do entrevistado ser ou não do movimento associativo, com uma grande diferença de interesses e aspirações: Os legítimos interesses pessoais e comerciais de uns contrastava com o interesse na melhoria das condições de trabalho dos outros. Apesar de tudo, da coexistência destes dois interesses, pessoal e colectivo, poderá residir o segredo do sucesso deste evento, que depende fundamentalmente da realização pessoal, da qualidade do trabalho e da motivação de todos os participantes.

Um importante elemento identificador e unificador foi o superior interesse de todos na melhoria da qualidade e no sucesso do evento.

Os sinais de pessimismo e desânimo foram praticamente residuais: um responsável de taberna que confessou algum pessimismo restringindo-se à sua situação específica e um “regatão” que classificou a Viagem Medieval 2011 abaixo das expectativas... limitando-se a uma perspectiva meramente comercial.

Em conclusão podemos afirmar que o pulsar desta Viagem Medieval 2011 esteve em alta e as sugestões foram tantas e tão interessantes que serão com certeza tomadas em conta por quem lidera o projecto, garantindo desde já, que serão maiores e melhores as viagens medievais que estão para vir.

Vera de Jesus / António Pinto

“Como actor, acho que os textos deveriam ser entregues em finais de Maio. Sugiro ainda, a redução de acontecimentos/espectáculos e aumento de qualidade dos mesmos. Relativamente aos cortejos, sugiro um aumento de povo e animação, dado que nos últimos anos parece mais uma exposição da classe da nobreza e uma feira de vaidades.”

Bernardino Castanheira (Lourocoop)

“Gostava de obter mais informações atempadamente referentes à personagem que vou encarnar. A organização deveria fornecer as ferramentas, dado que são as entidades que tem de trazer tudo o que necessitam para desempenhar as funções pretendidas.”

Fernando Martins (GDC Mozelos)

“Estou a viver esta viagem medieval com satisfação e prazer. Sou responsável pela encenação dos espectáculos âncora dos grupos de teatro das associações. Para o próximo ano gostava de ver a Viagem Medieval melhor e maior... Mais acção nos espectáculos, melhor cenografia do evento, diminuição do impacto visual do século XXI...”

José Carretas (Panmixia)

“É a primeira vez que participo no evento, mas está ser divertido!”

Stefanie Silva (Escola Sec. DMAP Fiães)

“Estou a viver bem a minha participação na viagem, mas noto que há pouca gente a consumir. Como sugestão gostava de ver as tabernas todas concentradas na mesma praça e com menos pó.”

Irene Vilar (GF Lavradeiras S. J. Ver)

“Gostava de ver a Viagem Medieval com mais gente e menos pó. No que diz respeito às casas de banho, deveriam ter mais manutenção em termos de limpeza. Com mais rigor histórico, os figurantes deveriam andar vestidos a rigor. Os grupos de bombos não deveriam actuar em simultâneo com espectáculos de teatro de marionetas. As tabernas deveriam ter estruturas novas, dado que as actuais estão em mau estado. A organização deveria apostar num melhor sistema de escoamento das bancas.”

Nuno Ribeiro (Juventude de Sanguedo)

“Estou a viver esta Viagem Medieval de forma intensa e com muito trabalho. Verifica-se que há redução de público, mas que não afecta a imagem do evento, sendo que se trata de um público seletivo.

Para o próximo ano, desejo que seja pelo menos igual a este, apenas com algumas melhorias em termos de acesso.”

Paulo Joaquim (CIRAC)



O Orfeão da Feira está a celebrar o seu Centenário, e tem como objectivo recordar o seu percurso e todos aqueles que contribuíram para o trabalho associativo e voluntário ao longo dos seus 100 anos de existência.

As suas origens remontam à época em que o último rei de Portugal visitou a então Vila da Feira. Começou como Tuna, e em 1911, constituiu-se como Tuna-Orpheon.

Como escreveu o Bispo santamariano D. Carlos Azevedo no Prefácio do Livro do Centenário "deparamos com a história atribulada do Orfeão Feirense. Nascido como Tuna Orpheon e animado, até 1919, particularmente por António Sampaio Maia (+1966) e José Cândido Marques de Azevedo (1863-1927), veria uma segunda onda, activa entre 1924 e 1929, protagonizada por António Martins Soares Leite e Dr. António Augusto Aguiar Cardoso. Um terceiro ciclo, pleno de dificuldades, produziria uma reorganização em 1934 culminando com outra em 1943. Seria a quinta tentativa, após 1975, a conceder continuidade e alargamento às iniciativas da colectividade, transformada em Centro de Cultura e Recreio do Orfeão. A colaboração com os Passionistas, sobretudo com o P. Joaquim Vieira da Cruz, constituiu impulso fundamental dos primeiros tempos, para dar consistência e estender a outras vertentes culturais o alcance da associação. A cedência do uso do edifício dos Condes de Fijô para sede do Centro de Cultura conduziria a um compromisso, mais tarde assumido pela própria Câmara Municipal, nova proprietária do imóvel desde 1989. Nesta data já o Centro gozava do estatuto de utilidade pública, obtido em 1986".

Hoje, a realidade do Orfeão da Feira traduz-se numa actividade permanente e dinâmica do Coro, da Etnografia, do Teatro, das "Mini-Olimpíadas", e mais recentemente da "Oficina d'Artes (projecto de ensino). Conta ainda com 700 sócios, promovendo 25 eventos culturais anuais, mobilizando 300 alunos, 20 professores, nas aulas de iniciação em 10 instrumentos e em 4 áreas musicais de ensino.

São números que ilustram bem a sua pujança cultural e cuja evolução é significativa ao longo destes últimos anos – lançando novos eventos como a Gala do Orfeão, o Festival de Guitarra, o Ciclo de Jazz, entre outros, que se juntaram aos mais antigos - Teatro das Fogaceiras, Encontro de Coros, Festival de Folclore, etc - e que vieram fortalecer o Orfeão da Feira estruturalmente, agregando novos públicos e reforçando a sua riqueza e valor junto das suas gentes.

Para assinalar o Centenário foi constituída a Comissão Organizadora do Centenário a que se juntou a Comissão de Honra do Centenário que integra um conjunto diversificado de personalidades.

A Comissão Organizadora do Centenário, programou de acordo com a realidade económica diversas actividades - Cerimónia Oficial comemorativa do Centenário; Cantata de Reis; Teatro Revista – edição especial Centenário Orfeão Feirense – integrado na Festa das Fogaceiras; Apresentação multimédia de fotografias "100 anos de Memórias do Teatro das Fogaceiras"; Concerto de Música Clássica; II Festival de Guitarra de Terra de Santa Maria; Soirée Dançante Especial Centenário; Ciclo de Jazz; Cerimónia evocativa do Renascimento do CCROF e do papel dos Padres Passionistas; Apresentação do coro do Orfeão da Feira na Semana Santa; Desfile 100 trajes das Terras de Santa Maria; Festival de Folclore das Terras de Santa Maria; Desfolhada à moda antiga; V Gala Orfeão da Feira - Apresentação pública das diversas áreas do Orfeão da Feira; Encontro Internacional de Coros; Romagem ao Cemitério e Missa de Acção de Graças, presidida pelo Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Carlos Azevedo; Exposição Fotográfica - 100 anos de História em Imagens; Concerto 100 Vozes Noite de Fado; Concerto Coral e Instrumental com Música de Natal, estando a ser programada a "Recriação do 1º Sarau artístico da Tuna-Orpheon Feirense de 6 de Janeiro de 1912., com a apresentação da 1ª peça exibida pelo Orfeão - A Chávena de Chá".

Dois momentos serão especiais - a construção de um monumento comemorativo e a edição do livro -, que ficarão na memória presente e futura.

D. Carlos Azevedo, sublinha ainda no referido Prefácio que "o dinamismo criativo e empreendedor dos Feirenses tem no Orfeão uma bela página. O Centenário será estímulo para iniciar as novas gerações à beleza da cultura local, base de um desenvolvimento integral e humanizador. A música dinamizou outras dimensões culturais e agregou uma vontade identitária, capaz de aliar tradição e inovação, sem fanatismos nostálgicos ou vanguardistas. As instituições ganham vigor quando aprofundam, de modo perspicaz, todas as facetas da sua responsabilidade, mas perdem ao dispersar a dedicação a espaços mais afastados dos seus objectivos primários. Os tempos contemporâneos requerem uma recomposição do tempo livre. Novos horizontes se rasgam para um futuro feliz".

Roberto Carlos



A palavra Baltazar com "S", do Hebraico "Belshasser", terá sido o nome do último rei da Babilónia. E, segundo a Bíblia, terá sido o nome de um dos três Reis Magos que foram do Oriente a Belém adorar Jesus.

E ainda, a mesma palavra com "S", pode significar um festim sumptuoso, uma refeição farta.

Agora, a palavra BALTAZAR com "Z" foi o nome de alguns Homens célebres através da história. E quis o destino que fosse o nome dado a uma criança, que veio a ser o último escultor célebre em Terras de Santa Maria.

O Professor Baltazar, como era conhecido, foi um professor exemplar e revelou-se um grande artista na área da escultura. Quem o conheceu mais de perto, concerteza, só pode ter visto naquela figura simples e humilde de homem, um humanista todo devotado ao associativismo. Foi professor e artista, que trabalhava como um operário.

No associativismo foi um dos fundadores da Cooperativa de Escapães e da CERCIFEIRA; foi diretor no Centro de Cultura e Recreio do Orfeão da Feira e nos Bombeiros Voluntários da Feira. Na política passou, ao de leve, pela Autarquia local – a Junta de Freguesia de Santa Maria da Feira, de onde saiu com o propósito de não mais assumir cargos políticos. A sua maneira de ser e de estar na vida não era compatível com a "porca miséria" que ele via em alguns políticos.

Sofreu dissabores e foi desprezado por vezes, até humilhado em algumas associações por onde passou. E houve uma colectividade, onde foi diretor e onde tanto trabalhou, para, e pelo bem colectivo,

sem receber algo em troca, acabando por ser excluído e onde viu eliminado do programa de actividades uma obra que ele criou e que se justificava, com provas dadas pois, mesmo assim, sempre disse: - "Não me convidem mais para fazer parte de órgãos diretivos, mas estarei sempre disponível para colaborar no que estiver ao meu alcance. Sabem onde eu moro e onde me podem encontrar." Chama-se a isto: - Grandeza de carácter!

Evitava sempre de ser visto nas primeiras filas, mesmo quando convidado. Era amigo e bom conselheiro, deixando por toda a parte por onde passou, um rasto de alguém que era especial no trato e na camaradagem.

Estava sempre de olho aberto, atento a tudo o que fosse possível fazer-se pela justiça social.

Enfim!... O Professor Baltazar foi um homem que trabalhou muito para a cultura popular e foi o artista que criou e executou obras de arte, (umas pequenas e outras bem grandes), que ficaram por ai e pelo País, a perpetuar a sua memória!

Partiu cedo demais e faz falta a muita gente, dum modo especial, a dirigentes associativos, que a ele recorriam para que lhes idealizasse e produzisse troféus comemorativos, a baixo custo.

E como não adianta chorar, saibamos respeitar a sua memória.

Santa Maria da Feira, 31 de Outubro de 2011



Alberto Gilde

Presidente da direcção do Grupo de Danças e Cantares Regionais da Feira

Acção de Formação sobre a Normalização Contabilística

A Federação das Colectividades realizou no passado dia 26 de Novembro, no Salão da Junta de Freguesia de Santa Maria da Feira, uma Acção de Formação sobre a Normalização Contabilística que vigorará a partir de 1 de Janeiro de 2012.

Este encontro teve por objectivo a sensibilização dos dirigentes associativos e colaboradores para as novas regras sobre a organização contabilística aprovada

recentemente para as ESNL – Entidades do Sector Não Lucrativo, onde se enquadram as associações e outras instituições sem fins lucrativos, com ou sem contabilidade organizada. Esta acção de formação foi destinada exclusivamente às entidades que não estão obrigadas a ter contabilidade organizada.

ATENÇÃO: Conforme determina o decreto-lei 36-A/2011 e as portarias 105 e 106 que publicaram os modelos de demonstração financeira e os códigos de contas aplicáveis às referidas entidades, quem não aplicar as novas normas, incorre numa multa que pode ir de 500 a 15.000 euros.

QUADRO REGULAMENTAR INTERNO

O Quadro Regulamentar Interno da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira foi aprovado por unanimidade, na assembleia geral de 26 de Outubro, com cinco pequenas alterações à versão inicial apresentada pela direcção.

Trata-se de um extenso documento que é constituído por cinco Normas Regulamentares: 1/2011, dos associados; 2/2011, dos órgãos sociais; 3/2011, das eleições e exonerações; 4/2011 do regime disciplinar; 5/2011 das cedências de bens e serviços.

Este quadro regulamentar foi elaborado com o objetivo de dotar a Federação de instrumentos que lhe permitam garantir a equidade e a transparência dos procedimentos, bem como clarificar o desenvolvimento processual e complementar na prática regular o enquadramento das disposições estatutárias e da legislação em vigor.

É convicção dos dirigentes que conduziram este processo que terminou na apresentação final em assembleia geral, de que com a aprovação deste quadro regulamentar estarão criadas condições para um maior desenvolvimento dos critérios de qualidade e eficiência no funcionamento da federação e foi dado um importante contributo para a modernização e normalização de procedimentos, que é necessária a renovação dos quadros dirigentes.

Como é sabido, um dos maiores constrangimentos à renovação dos dirigentes é a falta de experiência de quem se disponibiliza e a aparente complexidade com que está revestida a responsabilidade diretiva, que afasta muitos candidatos.

Com a aprovação do quadro regulamentar interno

da Federação foram sistematizadas todas as boas práticas e foram elencados as referências do bom funcionamento processual. Estão por isso reunidas as condições para que uma nova geração de dirigentes possa beneficiar do caminho percorrido.

FEDERAÇÃO APROVA PLANO E ORÇAMENTO PARA 2012

O Plano de atividades e o Orçamento da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira foram aprovados por unanimidade na assembleia-geral que se reuniu no passado dia 26 de Outubro, pelas 21 horas, na sede da Federação.

Estes dois documentos foram apresentados pelo presidente da direcção, que justificou a versão resumida do documento com a preocupação de que ele referenciasse apenas o essencial da estrutura organizativa, os objetivos gerais e as respetivas áreas de atividade, tendo em conta a particularidade das eleições dos órgãos sociais no início do próximo ano, que obrigam a um maior espaço de manobra, dos futuros dirigentes, na execução dos projetos, em relação à estrutura organizativa e à calendarização.

Na elaboração do Plano foram elencados 9 setores de atividade: Administração e gestão financeira; Informação, comunicação e imagem; Formação e desenvolvimento associativo; Planeamento e gestão de projetos; Juventude; Teatro; Folclore; Viagem Medieval e Outras atividades que venham a ser aprovadas.

O Orçamento, cujas rubricas foram agrupadas em 3 grandes áreas: funcionamento; atividades; manifestações ocasionais de angariação de fundos, apresentava o valor dos custos globais para cada

área e o total no valor total de 418.090,00€, dos quais cerca de 87% correspondiam apenas ao peso do orçamento específico da Viagem Medieval. Foi sublinhado pelo presidente da direcção o elevado grau de incerteza desta estimativa cujo movimento financeiro a ser gerido pela Federação será posteriormente aprovado na respetiva comissão executiva da viagem.

Foi também constatado que as despesas de funcionamento terão um peso no orçamento de 7,5%,

quando os níveis aceitáveis rondam os 30% e as restantes atividades não ultrapassarão os 5,5% do orçamento global.

A aprovação unânime foi reforçada por uma moção de louvor, também aprovada por unanimidade, que valorizava a qualidade do trabalho realizado e o empenho demonstrado pelos diversos membros dos órgãos sociais ao longo de todo este mandato.

António Pinto

Actividades em curso das associações

Encontro de Teatro de volta a Paços de Brandão

Já começou o Encontro de Teatro de Paços de Brandão.

O espectáculo de abertura foi no Cine Teatro António Lamoso e teve como convidados Almeno Gonçalves, António Melo, Pedro Teixeira e Fernando Ferrão. Estes actores foram os "portas" deste espectáculo intitulado "Os Portas - comédia da noite". Cerca de três centenas tiveram o privilégio de assistir a uma das melhores peças de teatro em cena neste momento em Portugal. De realçar que depois de terem estreado em Lisboa, este foi o seu primeiro espectáculo fora da capital onde o grupo tem Sede. O número de espectadores ficou aquém das expectativas da organização.

Na programação deste encontro de teatro tivemos ainda, no sábado, dia 12 com o grupo de teatro do CiRAC. "Quem Casa Quer Casa" de Martins Pena é a proposta deste grupo para o ano de 2011. Esta peça foi apresentada pela primeira vez ao público.

O Encontro de Teatro de Paços de Brandão fez uma pequena pausa e voltará no próximo dia 03 de Dezembro, com um espectáculo de Stand Up Comedy a cargo de Aldo Lima e Francisco Meneses.

O público já comprovou que estes são dois dos melhores comediantes do universo para se ver em palco.

Por isso, nesta fase de crise anunciada, juntámo-los para que os seus talentos, combinados com grandes doses de irreverência, nos transportem à parte divertida da vida.

Se os tempos não estão para brincadeiras, felizmente estes dois estão!

Aldo Lima e Francisco Meneses, dois dos mais reputados comediantes portugueses, subirão ao palco do Cine Teatro António Lamoso, em Santa Maria da Feira no próximo dia 03 de Dezembro, pelas 21h45.

No dia 10 de Dezembro, o encontro de teatro reservamos uma noite diferente. Será uma viagem ao "Grandioso Circo da Belle Epoque". Dos quatro cantos do mundo

surgem as mais maravilhosas criaturas e as suas proezas inigualáveis! Fica aqui o convite para virem ver com os vossos próprios olhos: O Homem Mais Forte do Mundo, as Gémeas mais Siamesas de Portugal, O Homem Páa-Balas e mais, muito mais!!!

Tudo no Grandioso Circo das Maravilhas, um espectáculo teatral da Companhia de Teatro Viv'Arte, recomendado para todas as idades.

Este espectáculo terá lugar no Auditório do CiRAC, em Paços de Brandão. Será no sábado, dia 10 de Dezembro, pelas 21h45.

Este ano, o evento contará apenas com 4 espectáculos em vez dos 6 espectáculos que habitualmente a organização trazia.

O CiRAC, devido à situação financeira desfavorável que o país atravessa e à qual não está imune, decidiu cortar no número de espectáculo por forma a não ser obrigado a mexer na qualidade.

A aposta também foi não sobrecarregar financeiramente as pessoas que gostam de ir ao teatro. Assim dividiu o encontro de teatro em dois meses, com duas peças cada sendo que cada pessoa não terá que despender mais do que 15 euros para poder assistir às duas peças de cada mês.

O 7º Ciclo de Teatro da Associação Cultural, Desportiva da Lavandeira, de S. João de Ver, arrancou no passado dia 29 de Outubro, com uma comédia "A Última Cartada", apresentada pelo Grupo de Teatro Raízes da Lourocoop de Lourosa, a comédia "A Doença do Tótó", da autoria do Grupo de Teatro Renascer de Esmoriz (Ovar), no dia 26 de Novembro, com a comédia "A Orelha de Deus", T.A.R.R.A. – Grupo de Teatro Amador Rancho Regional de Argoncilhe, no dia 3 de Dezembro, a comédia/Drama "Razões de Viver" do grupo de Teatro Os Solitários da A.C.D.L. de S. João de Vêr e a 4 de Dezembro vão fechar o pano com "A Menina que não sabia falar. Dás-me um abraço?", Teatro Infantil, do Grupo de teatro Estrelas do Amanhã da A.C.D.L. de S. João de Vêr.

www.fecofeira.pt

Apoios:



Redacção e Administração:

Rua S. Paulo Cruz, 12 r/c
4520-249 Santa Maria da Feira
Tel. 256 373 235 - Fax 256 373 244

e-mail: culturaerecreio@gmail.com

Director: António Pinto

Equipa de Redacção: Vera Jesus, Isabel Gilde, Nuno Amaro, Joaquim Tavares e Paulo Rodrigues.

Design: daf.dafdesign@gmail.com

Impressão: Gráfica Monumento

Tiragem: 500 exemplares
Insc. ERS n 125230

Propriedade: Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira